

DROGA PESADA

Entre todas as drogas disponíveis, legais ou ilegais, as mais perigosas para a humanidade e que deveriam ser rigorosamente controladas, são os antibióticos.

Quando era garoto uma marchinha de carnaval, muito popular, começava assim: “Penicilina cura até defunto. Petróleo bruto faz nascer cabelo...” A primeira frase da música era quase verdade.

Naquele tempo, doentes, com o pé na cova, tratados com penicilina, saravam. Hoje exigem antibióticos, cada vez mais potentes. Os fungos do Dr. Fleming (*Penicillium notatum*) revolucionaram a medicina na década de 1930. A expectativa de vida do homem aumentou e na II Guerra Mundial, as baixas entre os feridos despencou em relação à I Grande Guerra. As bactérias, que matam muito mais do que todas as metralhadoras, cobras peçonhentas, leões famintos, elefantes enfurecidos e tubarões assassinos, juntos, sofreram a primeira grande derrota. Estava inaugurada a era dos antibióticos.

Acontece que a simplicidade do microorganismo, permite uma incrível velocidade de reprodução e sucessão de gerações, possibilitando variações genéticas em pouco tempo. Isso gerou um terrível problema: surgiram as super-bactérias, selecionadas pelos antibióticos conhecidos e, as mais resistentes, se multiplicando sem concorrentes. O uso indiscriminado de antibióticos, doses irregulares e a interrupção do tratamento, atitudes anti-sociais gravíssimas, ampliaram o problema, produzindo focos de doenças, contaminando aqueles que estão mais próximos e o ambiente, com bactérias cada vez mais fortes.

Nenhuma droga ilícita tem esse poder de contaminação. No entanto essa prática privada é combatida com enorme despesa e aparato de Estado e discutida com interesse, mas de forma preconceituosa, pela mídia. O Estado tem garantido reserva de mercado aos traficantes e ficado à margem, de impostos e controle de qualidade, de um produto largamente consumido pela população. Psiquiatras, psicanalistas, psicólogos, religiosos, policiais, advogados, políticos, juizes e donos de clínicas de recuperação, são geralmente as pessoas ouvidas pela mídia, que esquece serem elas partes interessadas em preservar esse mercado de trabalho. As fontes primárias não são entrevistadas: farmacologistas e professores de medicina interna. Não consultam os livros didáticos dessas especialidades onde, diferente das bulas de muitos medicamentos, para a maconha, por exemplo, não há restrições nem para as grávidas.

Mudança de comportamento acontece com a educação e isso se faz com argumentos honestos num processo gradual de aprendizagem. A ação policial repressiva proporciona distorções e se revela problema ainda maior: a “lei seca” em Chicago, financiou quadrilhas poderosas, corrupção e chacinas.

Assaltos, são cada vez mais freqüentes e ousados, para se conseguir drogas, super valorizadas pela dificuldade na comercialização. Corrupção, e chacinas, se repetem na guerra por pontos de distribuição. Isso se reflete na população causando insegurança, insatisfação política e prejuízos materiais. As estatísticas revelam um crescimento da criminalidade, sem precedentes, nas áreas de comercialização das drogas e não nas de consumo.

Permanecendo a ineficiente, cara e danosa política de repressão, em lugar da educação, droga será sempre problema de todos, inclusive, não usuários. Descuidando da produção e consumo dos antibióticos, estamos colocando em risco nossa existência e de outros animais. Desenvolvendo inimigos minúsculos mas muito perigosos.

Kleber Galvêas – pintor

12\2001

Rua: Antenor Pinto Carneiro, 66 - Centro - Barra do Jucu - Vila Velha - Espírito Santo - Brasil -
Cep.:29125-120 Telfax: (27) 3244-7115.

e-mail: atelie@galveas.com www.galveas.com